

COMENTÁRIO

BACHELARD E MARX: o livro de Alice Chacur em debate

Solange Puntel Mostafa

Pós-Graduação em Biblioteconomia — PUCAMP.

1 — Apresentação geral do livro

O livro publicado pela Cortez é uma tese de mestrado¹ da UFRJ (Serviço Social) e apresenta questões muito pertinentes ao conteúdo da disciplina 'Fundamentos de Filosofia' uma vez que a autora, neste texto, propõe uma comparação de metodologias epistemológicas, duas das quais baseadas no marxismo.

Como a questão central do livro é a polêmica idealismo/materialismo, farei uma apresentação resumida do texto para em seguida colocar algumas questões. Ademais, como tenho interesse especial em epistemologia e, dado que não existem na minha área de estudos (biblioteconomia)² análises semelhantes, estou atenta a epistemologia de áreas correlatas até porque a categoria totalidade nas ciências sociais se impõe 'como necessidade férrea'.

O livro está dividido em duas partes; na primeira, intitulada '**A realidade social como constructo**', a autora discute as categorias epistemológicas de Bachelard como: ruptura, corte, obstáculos, vigilância, explicitando o significado de cada uma delas; segue-se uma discussão de método no cap. 2, mais uma continuação do primeiro capítulo, onde além de precisar melhor a dialética bachelardiana, alude também rapidamente a alguns autores que se preocupam com métodos nas ciências sociais, como Foucault, Bourdieu, Piaget, Popper e, ainda, os clássicos Durkheim, Weber e Marx. (Essa miscelânea de autores, adianto já, era totalmente dispensável até porque para nenhum deles houve aprofundamento de suas contribuições, e poderia até prejudicá-las, deformando-as.)

Na segunda parte sob o título: '**A realidade social e as novas bases epistemológicas e metodológicas no serviço social**', são analisados dois outros textos propostos por Bóris Alexi de Lima e Ângela Flôres, respectivamente de **Contribuição à metodologia do serviço social** e **El método de la acción y la acción del método**, o primeiro publicado pela Interlivros (1975) e o segundo publicado pela ECRO Buenos Aires (1976); nessa segunda parte sua intenção é apontar as inconsistências metodológicas desses textos, tendo em vista o referencial teórico desenvolvido na primeira parte do livro, baseada largamente, senão completamente nas categorias de Bachelard e em sua dialética do racionalismo aplicado ou aberto que caracteriza **O novo espírito científico**.

1.1. As idéias centrais

Três idéias centrais são defendidas na primeira parte que acabam norteando a discussão do livro como um todo:

- a. no processo do conhecimento o objeto é sempre construído e nunca dado imediatamente;

b. a dialética razão-experiência é a opção mais abrangente e mais verdadeira na teoria do conhecimento, já que tanto as metafísicas do idealismo, realismo e racionalismo são posições absolutas, necessitando ser substituídas por 'metafísicas discursivas objetivamente retificadas',

e

c. o vetor epistemológico vai seguramente do racional ao real.

Essas três idéias centrais são expostas em 40 páginas em meio a citações de vários autores tendo Bachelard a prioridade na apresentação da dialética do racionalismo aberto. Explicitemos tais idéias um pouco mais:

Absolutamente contrário ao substancialismo, que considera um verdadeiro obstáculo epistemológico, Bachelard ataca a crença na 'natureza homogênea, harmônica, perfeita [o que] anula todas as singularidades, todas as contradições, todas as hostilidades à experiência'.³

Diz a autora "há ainda o obstáculo substancialista. Este consiste em ver o objeto como se fosse dotado de substância, como se possuísse um interior a ser descoberto, ou uma profundidade fechada, possível de ser encontrada e desvelada pelo conhecimento. O conhecimento deve abrir as substâncias e ver a intimidade dos objetos. Tudo está contido na substância. A substância é dada pronta, definida e completa, por intuição. O substancialista se apresenta de várias formas, podendo ser: (agora já usando as palavras de Bachelard) 'do oculto, do íntimo e da qualidade evidente. Ele pensa o que vê e como vê. O realismo da vista e da boca ocupa lugar de destaque nesta forma de pensamento' ".⁴

Absolutamente contrária às teorias do conhecimento que postulam a transparência do mundo, do objeto (portanto crítica severa dos empirismos e positivismos), a epistemologia do novo espírito científico não aceita as primeiras noções, o senso comum, as posturas realistas.⁵

Na primeira das teses sobre o objeto construído, a autora abre espaço para Marx, reconhecendo que 'a construção dos fatos sociais, que os converte em objetos científicos, é defendida por vários autores', e cita 'o método cientificamente exato' reproduzindo trechos do famoso método da cerimônia política, concluindo que "do ponto de vista metodológico, Marx considera que o concreto só pode ser cientificamente explicado mediante a utilização de categorias abstratas, que atuam no sentido de reproduzir o real, não como se manifesta à percepção ingênua, mas revelado à luz de todas as suas determinações".⁶

Em relação à segunda tese sobre a dialética razão-experiência a autora explicita que segundo o racionalismo aplicado de Bachelard, 'a razão não é formal, abstrata, dada a priori de forma estática como se fosse absoluta e cabada'; a esse racionalismo fixista ele opõe o racionalismo dialético. São palavras de Bachelard: qualquer que seja o ponto de partida da atividade científica, esta atividade não pode convencer completamente senão deixando o domínio de base; se ele (o racionalismo dialético) experimenta, é preciso raciocinar; se ela raciocina, é preciso experimentar'.

Razão e experiência guardam nessa epistemologia uma relação dialética pois o conhecimento rigoroso necessita de dupla certeza. Nas palavras de Bachelard⁸

"1º a certeza de que o real está em conexão direta com a racionalidade, merecendo por isso mesmo, o nome de real científico, e

2º a certeza de que os argumentos nacionais referentes à experiência são já momentos dessa experiência".

E já que o objeto é construído e nunca dado, evidencia-se a direção do vetor epistemológico que parte do racional para chegar ao real, donde a historicidade da própria racionalidade, uma vez que ela não se faz sobre o nada mas parte de um corpo de conhecimentos teóricos já retificados (daí ser a epistemologia de Bachelard chamada de epistemologia histórica, junto com Canguilhem e Foucault, como coloca Japiassu em **Introdução ao pensamento epistemológico** (p. 137) – voltarei a esse ponto nos comentários, após exposição do conteúdo do livro de Alice Chacur).

Tudo vai-se desenvolvendo com muita coerência⁹ na explicitação das três idéias centrais assumidas: Bachelard, Marx, Goldman, Bourdieu vão compondo aquelas teses e como a análise vai sendo feita calcada, mais em trechos **escolhidos** dos autores, do que em análise aprofundada de suas posições, parece à primeira vista haver concordâncias entre eles: pelo menos entendi que esses autores vieram dar suporte a Bachelard, incrementando o referencial; Marx é particularmente importante para a análise, pois ele será o marco utilizado pelos dois autores do Serviço Social que Alice Chacur vai criticar na 2ª parte do livro; (Não ficou muito claro se as críticas são também para o próprio Marx, embora a tese central de Marx, por exemplo, a prática como critério de verdade, não é aceita por Chacur, a nossa autora; o que ela vai criticar e isso está claro, são as más interpretações que os dois autores do Serviço Social fazem das teses marxistas.)

2. A crítica de Alice Chacur

Recordemos: Chacur é a autora do livro que tenho em mãos; Bóris e Flôres são autores criticados por Chacur. De Bóris e Flôres só sei o que Chacur diz saber, pois não vejo necessidade de recorrer aos originais, até porque nossa autora faz seus comentários bem documentados.

O surgimento de novas propostas metodológicas para o Serviço Social, Chacur precisa-o bem, eclodiu na década de 1960 na América Latina, reivindicando principalmente e ligação teoria e prática, no que consiste aliás, a base da teoria marxista: problemas como analfabetismo, desemprego, marginalidade requeriam abordagens mais amplas e menos ingênuas.

A proposta de Bóris, bem como a de Flôres previam opor-se à metodologia tradicional e, para ambos, ficam válidas as palavras de Chacur referentes ao primeiro:

“o princípio de que o Serviço Social deve transformar-se em totalidade, segundo a orientação da postura dialética, que condena as dicotomias usualmente admitidas entre teoria e prática, sujeito e objeto, explicação e compreensão e muitas outras”.¹⁰

A proposta de Bóris viria então, segundo Chacur, se definir ‘numa linha de comprometimento com a realidade social...(buscando) integrar sua definição com exigência de cientificidade, a qual estaria na dependência da capacidade de produção teórica do Serviço Social. Bóris criticaria o Serviço Social ‘porque este ainda não foi capaz de elaborar seus conceitos, limitando-se a ser uma atividade prática’.¹¹

E aqui reside o cerne da crítica de Chacur a Bóris: a questão da teorização, vale dizer, a questão da cientificidade epistemológica da área de estudos, que da forma como foi colocada por Bóris, Chacur considera como não se tendo desvincilhado “de todo o vício positivista, já que todo o trabalho teórico é definido como

'produção abstrata extraída dos dados visíveis', como a captação da essência das coisas, como se a teoria, longe de criar o real, o reproduzisse tal como é em si".¹²

Chacur consegue em vários momentos desmontar a proposta de Bóris, nas várias fases e níveis do método por ele proposto e em todos esses momentos sua crítica é brilhante. Não é o caso de retalhar, ainda mais, o texto de Bóris, mas em linhas gerais, ele propõe que o trabalho do assistente social seja desenvolvido nos níveis operacionais e teóricos, sendo que o operacional se subdivide em seis fases: sensitiva, fase de informação, de investigação, participante, de determinação, de elaboração de modelos, de ação, de execução e controle.

Como não estou centrando na área de estudos, isto é, no Serviço Social, interessa-me apenas verificar com a autora que mesmo com Marx em punho, Bóris cai na armadilha do positivismo quando aponta a necessidade de 'captar sensorialmente a realidade, pois... os sentidos constituem, o único instrumento eficaz para apreender o mundo'¹³.

A falha de Bóris está em colocar a fase sensitiva como primeira, confundindo aí o empírico com o concreto. Não se vai ao empírico de mãos vazias, legitimando o mito da transparência do real e, nisso, estão todos de acordo: Bachelard, Marx e Chacur.

Nisso reside a perfeição da crítica chacuriana; reproduzo-a por inteiro fechando assim a primeira crítica de Chacur:

"ao mesmo tempo em que o autor pretende que o conceito represente a passagem do sensível ao essencial, define o conceito como síntese de percepções, resultante de um processo de ordenamento e elaboração. Não se observa a mencionada ruptura com o modo da pseudoconcreção, o mundo da aparência fenomênica, como preconiza o próprio autor. É precisamente num continuum que se pode definir o conceito como 'síntese de dados', não se ultrapassando assim, o nível dos conceitos puramente empíricos. É evidente que tais conceitos, mesmo empíricos, ultrapassam a simples percepção, na medida em que resultam de procedimentos racionais, de análise, síntese e classificação. No entanto, não se obtém o nível de conceitualização necessário à construção científica da realidade. Esta exige, mediante a ruptura com o senso comum e a superação dos obstáculos epistemológicos, constituição de uma problemática, ou seja, a superação do nível empírico da reflexão teórica, que define o objeto de conhecimento, não como objeto dado, como objeto de pensamento"¹⁴.

Se em **contribuição à metodologia do Serviço Social**, Alice Chacur não perdoa Bóris Alexis (e nisso ele tem razão), já em **El método de la acción y la acción del método**, não há porque não reconhecer méritos parciais em Ângela Flôres, uma vez que, Flôres não vai direto ao real; sua proposta pautada em momentos alternados no par abstrato-concreto, começa pelo momento abstrato. Reproduzo especialmente para os interessados no Serviço Social aquilo que seriam as sete fases do método de ação social proposto por Flôres:¹⁵

"Proposta metodológica

1. Primeiro momento abstrato:
 - compreensão teórica do tema selecionado;
 - elaboração de fichas de síntese.
2. Primeiro momento concreto:
 - observações de campo, estruturas conforme marco teórico;
 - comparação das partes componentes do fenômeno (primeira busca de contradição junto à população).
3. Segundo momento abstrato:
 - ordenamento, classificação e análise dos dados coletados no primeiro momento concreto;

- identificação do problema particular a estudar;
 - elaboração de variáveis científico-teóricas a nível de premissas para direção do estudo;
 - determinação teórica das contradições que sustentam qualquer fenómeno humano.
4. Segundo momento concreto:
- trabalho de campo. Correlacionamento de variáveis teóricas com o fenómeno real;
 - recomposição de dados com base no anterior.
5. Terceiro momento abstrato:
- ordenamento e análise de dados. Comparação com as variáveis guias;
 - elaboração de hipóteses junto com a população;
 - determinação do alcance da investigação da população;
 - seleção e elaboração de técnicas e procedimentos de confirmação das hipóteses;
 - programação definida do processo de investigação.
6. Terceiro momento concreto:
- levantamento de dados, conforme a programação junto à população.
7. Quarto momento concreto-abstrato:
- ordenamento e classificação de dados junto à população;
 - comparação com hipótese;
 - redação de informe de investigação junto à população”.

Chacur faz as reverências iniciais à Flôres pelo início abstrato do primeiro momento, evidenciando “uma correta interpretação do processo de produção do conhecimento científico, que deve, efetivamente, partir de uma problemática, e não, segundo a linha de procedimento positivista, de uma teoria a priori ou dos próprios dados empíricos”.¹⁶ Teoria a priori? É que Chacur já havia precisado mais atrás na página 29 que no “novo espírito científico, o a priori se dá antes da experiência, mas não é dado pronto, ele se faz, num processo constante de verificações e construções de transformações e de retificações”, seguindo sempre as idéias bachelardianas.

O fato é que mesmo reconhecendo correto o primeiro momento, o da abstração, Chacur não consegue mais ver como o segundo momento abstrato (onde são previstas as operações de ordenamento, classificação e análise dos dados colhidos no 1º momento concreto — Verifique aquelas sete fases) se relaciona com o referencial do primeiro momento. “Estariamos, então, diante de um procedimento realmente dialético, ou teríamos apenas mais uma esquematização do procedimento hipotético-dedutivo”.¹⁷ E vem o ataque final:

“podemos concluir que a autora pretende elaborar um método de ação social, baseado na proposta dialética, mas na verdade, propõe um modelo de investigação, no qual não conseguiu, realmente estabelecer procedimentos dialéticos, porque reproduziu as fases clássicas de investigação científica, segundo o modelo positivista, que incluiu, com algumas variações, os seguintes procedimentos: levantamento de dados, formulação de hipóteses e experimento ou prova (teste empírico)”.¹⁸

3. A crítica a Alice Chacur

A grande questão que o livro deixa sem solução é a própria comparação implícita na obra de uma possível aproximação entre Bachelard e Marx. Ficariamos então com duas possibilidades:

- ou a autora assume que a dialética bachelardiana é superior à dialética marxista uma vez que Bachelard é o referencial a partir do qual a crítica emerge;

- ou a autora entende que Bachelard e Marx são compatíveis e, nesse caso, ela não estaria criticando Marx porém a má interpretação que aqueles autores lhe dão.

Como entendo que Bachelard e Marx não se excluem mas também não são comparáveis, precisarei um pouco mais o que significa a dialética de um e de outro para situá-las em campo distintos do real.

Bachelard abre uma de suas obras fundamentais da seguinte forma: “nos nos propomos, neste livro, mostrar o destino grandioso do **pensamento científico abstrato**. Para tanto, deveremos provar que o **pensamento abstrato** não é sinônimo de má consciência científica”.¹⁹

O pensamento de Bachelard recebeu influências diretas do idealismo francês.²⁰

O método histórico-crítico nasce influenciado por duas matrizes filosóficas: “o racionalismo crítico inspirado no kantismo e a lógica clássica”.²¹ Esse pensamento situa-se então mais para o lado do idealismo francês, o que descarta num primeiro momento, o hegelianismo alemão, berço da dialética (tal qual a entendemos modernamente). Bachelard aproxima-se de Kant quando admite a existência do mundo independentemente do sujeito que conhece mas herda também de Hegel, todo o dinamismo daquela dialética. Como sabemos, uma das diferenças básicas entre Kant e Hegel é a relação sujeito-objeto e todas as conseqüências que isso implica. Para Kant, o sujeito existe separadamente do mundo, tendo o poder de ordenar o mundo.

Para Hegel, o mundo não existe separadamente do sujeito que conhece nem o sujeito pode subsistir separadamente do mundo, o que leva essa filosofia a um idealismo absoluto, uma vez que não há como conceber o mundo por si só senão como exteriorização da idéia.

Essa distinção é importante porque Bachelard e os seus comentadores estarão interessados em precisá-la, tendo em vista as categorias de contradição, negação e totalidade. Foulquié dirá: “não é que a dialética científica [referindo-se a Bachelard mas também a Gonseth, ao físico suíço Bohr e outros] seja independente do que formularam Hegel e Marx”, os seus princípios fundamentais foram formulados por estes filósofos e reconhece-lo-emos facilmente. Mas foi a reflexão sobre os resultados das investigações, e não especulação filosófica, o que levou certos sábios contemporâneos a uma atitude **mais dialética ainda** (grifo meu) que a dos criadores da dialética moderna, porque, muito mais do que estes últimos, permanecem estranhos a todo o dogmatismo”.²²

O próprio Bachelard condenará Hegel, rechaçando-o porque a dialética hegeliana nos coloca diante de uma dialética **a priori**, diante de uma dialética em que a liberdade de espírito é demasiadamente incondicionada, exageradamente **desértica**... Bastante superior é a dialética no nível das noções particulares, a posteriori.²³

Recuperamos em pouco o que vem a ser a dialética **a priori** de Hegel. O conhecimento que temos da dialética hegeliana é rudimentar**, contudo parece-nos que Hegel promoveu no pensamento filosófico uma revolução só comparável à de Kant; a base dessa revolução é sem dúvida a categoria ‘contradição’. Em todas as formas de representação anteriores vigorava de ponta a ponta desde Aristóteles até Kant inclusive, o princípio de identidade. Se Kant conferiu ao sujeito cognoscente o poder de organizar a experiência sensível, nem por isso ele rompeu com a identidade do EU ou do Mundo: quer o mundo quer o sujeito continuavam ainda em Kant

* se Foulquié tivesse referido somente a Hegel, teria sido mais feliz nessa afirmação.

** grande parte dessa exposição é anotação de aulas no curso de Filosofia da História, UNICAMP, Prof. J. L. SIGRIST, 1984.

a manter suas próprias identidades. Num primeiro momento do pensamento filosófico desenvolvido entre os gregos, a verdade está no objeto, no mundo. Conhecer é debruçar-se sobre o mundo, sempre num movimento do mundo se dando ao sujeito caracterizando um 'realismo ingênuo' porque supõe um sujeito passivo e um mundo transparente, claro, verdadeiro.

Esse realismo ingênuo vai dos gregos até Descartes no século 16. No século 18 esse realismo é substituído por um idealismo crítico de Kant onde o mundo já não é tão real assim mas segue as ordens do sujeito para se mostrar; o mundo existe sim, independentemente do sujeito mas só é passível de inteligibilidade se se sujeitar aos juízos a priori do EU. Diz-se que o idealismo de Kant é crítico porque supõe a superação da ingenuidade de se ver o real dado, transparente; a realidade, Kant o mostrará, é opaca, envolta e não se chega a ela ingenuamente, daí ter o próprio Kant afirmado a necessidade de fazer na filosofia a mesma revolução de Copérnico nas ciências; se não é o sol que gira em volta da terra, também não é sujeito que gira em torno do mundo como supunha o realismo clássico; Kant fixa assim o sujeito, fazendo o mundo girar a sua volta. Esquemáticamente teríamos até aí duas posições: $S \leftarrow O$ no primeiro caso e $S \rightarrow O$ no segundo. Hegel virá no século 19 criticar as duas posições: dirá que tanto o realismo ingênuo quanto o idealismo crítico estão ambos fundamentados em um princípio falso, o princípio da identidade; ambos supõem o sujeito e objeto como tendo cada um a sua própria identidade. Fará a apresentação da relação sujeito-objeto fluir em dois pólos: $S \leftarrow \rightleftharpoons O$.

Ora, segundo Hegel, o princípio, isto é, aquilo de que tudo depende de algum modo, o fundamental no que se baseava a filosofia até o século 19 estava falso: o princípio que deveria por ordem no mundo não era da identidade mas sim o da contradição. As coisas não são o que são, elas são e não são ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto aquilo que são: Instaura-se assim a relação das coisas entre si: tudo é devir, é vir-a-ser e nada existe na natureza e na história que não seja contraditório. Hegel tenta então superar o dualismo entre sujeito e objeto já que nem um nem outro pode subsistir por si só, por sua própria identidade e o princípio da identidade levava a uma separação do sujeito e do mundo: separa aquilo que ontologicamente estava ligado; unido, o sujeito é algo de objetivo e subjetivo e da mesma forma, o objeto é também algo de subjetivo e objetivo; tudo que afirma, nega, não existe nada objetivo por oposição a subjetivo. E a grande dificuldade do pensamento dialético é justamente admitir essa tensão do vir-a-ser. Kant já tinha entendido que a razão é a grande ordenadora do mundo, que a razão determina tudo; Hegel dirá que a idéia determina e é determinada.

Essa pequena digressão superficial a respeito do complexo pensamento hegeliano não pode ser substituída até porque ela está na base do pensamento do próprio Marx. O mundo é inteiramente outro depois da interpretação que Hegel lhe dá.

A questão agora é interpretar Bachelard quando ele considera a dialética hegeliana uma dialética a priori enquanto a dialética científica se constrói a posteriori.

Teria algum sentido essa distintividade? Se as descobertas científicas do século 20 vieram comprovar a dialeticidade do mundo, que mal cabe a Hegel de tê-lo intuído aprioristicamente no século anterior? Foulquié citará a noção de complementariedade do físico sueco Bohr para mostrar que essa noção não segue precisamente a lógica de contradição hegeliana.²⁴

Para Hegel a contradição é interna e/ou constitutiva das coisas; para Bachelard, ela deve se submeter aos critérios de racionalidade no interior dos conjuntos demonstrativos: Por isso diz Bachelard: "uma filosofia do não que não vise apenas a sistemas justapostos, somente sistemas que se ponham em relação de complemen-

riedade sobre um ponto preciso, deve estar atenta para jamais negar duas coisas ao mesmo tempo. Ela não tem confiança alguma na coerência de duas negações.²⁵ E Japiassu continua: "a negação bachelardiana não é o primeiro momento de uma negação da negação. Ela assume a forma positiva de uma generalização dialética. Trata-se de uma generalização pelo não. Tal axioma de relatividade é não-newtoniano, um espaço e não-euclidiano, etc."²⁶ Ainda com relação à contradição, Brunschvicg dirá que Hegel foi acusado a levar a confusão verbal ao máximo quando "integrou a contradição no processo da lógica"²⁷. Lefebvre continua: "antes de Brunschvicg já Trendelenburg objetara a Hegel que a 'dedução' de suas categorias não é rigorosa, não é puramente lógica: os novos conceitos não são 'analiticamente' extraídos dos precedentes; noções extraídas da experiência seriam 'sub-repticiamente' introduzidos. Ora, o mérito de Hegel consiste justamente em ter mostrado (embora sua exposição idealista possa, pelo menos em parte, explicar o mal-entendido) que o real não é "dedutível" e que o conteúdo se reintroduz progressivamente na forma do pensamento; mas se reintroduz já conhecido, já penetrado pelas sucessivas investigações, sendo admitido à medida que se processa por penetração. Isto, de certo, na condição de que as investigações se sucedam numa ordem rigorosa, dialética. Isso significa que não se deve exigir da lógica dialética que seja uma lógica formal; e que não se deve julgá-la segundo um critério puramente formal. Por outro lado, ver-se-á suficientemente, em toda a exposição, que a lógica dialética não renuncia em nada às regras que asseguram a coerência do discurso. O conhecimento formal do princípio de identidade não é recusado por Hegel e pelos dialéticos materialistas".²⁸

Não é difícil perceber que Lefebvre apóia qualquer que queira defender Hegel; no meu caso preocupo-me em captar o que é afinal a dialética de Bachelard; percebo, por exemplo, que Bachelard herda o dinamismo da contradição hegeliana pois é certo que o próprio princípio de identidade é por Bachelard colocado em questão; a crítica que faz à filosofia de Meyerson é um exemplo disso.²⁹

A categoria de totalidade também central em Hegel não é muito bem aceita por Bachelard que considera as generalizações como sério obstáculo epistemológico; na dialética hegeliana no entanto, o particular se explicita no universal e o universal só subsiste no particular (riqueza aliás do pensamento dialético).

E até o 'método cientificamente correto' proposto por Marx está também na base da dialética de Hegel, onde a apreensão do real se faz por subida, por ascensão já que o real não é dado de imediato. A ascensão do abstrato ao concreto que ficou tão famosa por causa do texto marxista, é a base de toda a lógica de Hegel, esteriotipada depois nos três momentos de tese, antítese e síntese. 'O método cientificamente correto' portanto é de Hegel fundamentalmente; o que estou abordando, no momento é a originalidade do método histórico-crítico que 'consiste na afirmação do vir-a-ser do conhecimento', que progride em virtude da possibilidade de contínua verificação e crítica das ciências".³⁰

Ora, de forma alguma se está procurando desmerecer a epistemologia bachelardiana; parece-nos todavia que uma análise de construção do objeto no serviço social, onde não se está privilegiando uma região específica do social (por exemplo: a ciência física ou qualquer outra área de ciências naturais), mas sim a sociedade como um todo, as categorias de Bachelard não ofereciam mais do que o que estava presente no próprio Hegel; quanto à dialética marxista, naturalmente que suas categorias são mais abrangentes e, portanto, mais adequadas à análise do social.

Por outro lado, se a crítica do livro refere-se à má interpretação de Marx pelos autores, seria o caso de precisar melhor a dialética marxista mas não substituí-la por um referencial que foi desenvolvido para as ciências naturais e, portanto, válido principalmente (mas não exclusivamente) para as ciências naturais; não quer

dizer que aquelas categorias não podem ser pensadas para o social apenas que é insuficiente não dando inteligibilidade total ao real social.

Não estamos postulando uma autonomia da teoria marxista como se, ao admitirmos a sociedade interagindo pela determinação em última instância da base material sobre a superestrutura, já não tivéssemos mais nada a dizer. Não. Apenas levantar a grande questão que o livro deixa em aberto: como comparar uma epistemologia que se passa ao nível das superestruturas (a historicidade conceitual das ciências) com uma epistemologia que abrange o social como um todo integrado de infra e superestrutura.

Nesse sentido, algumas comparações que Alice Chacur faz são impróprias: a de que a 'integração dialética entre teoria e prática **corresponderia**' a integração dialética entre 'razão e experiência' proposta por Bachelard. Ocorre que, tanto a razão quanto a experiência a que Bachelard se refere, são dirigidos a um objeto específico, científico-laboratorial e se a **razão** pode ser tomada, como sinônimo de **abstrato**, a **experiência**, nessa epistemologia, em hipótese alguma é o mesmo que **concreto** na teoria marxista.

Por último, faltaria colocar uma questão mais ampla em toda essa discussão que é a questão dos pontos de partida entre os idealismos e materialismos. Quando admito com Bachelard que o vetor epistemológico vai do racional do real, faço-o, mais no sentido de entender o real como síntese de múltiplas determinações mas de forma alguma negando a prática como critério de verdade, como admite a própria autora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CÉSAR, Constança M. **A influência de Brunshvicg na concepção evolutiva do conhecimento científico em Gaston Bachelard**. São Paulo, PUC—SP, 108pp. (tese de doutoramento).
- CHACUR, Alice. **Construção do objeto no serviço social**. São Paulo, Cortes & Moraes, 1983. 95 pp.
- FOULQUIÉ, Paul. **A dialética** (trad. La dialétique), Publicações Europa—América, 1974. 120pp.
- JAPIASSU, Hílton. **Para ler Bachelard**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976. 180pp.
- LEFEBVRE, Henry. **Lógica formal/lógica dialética**; trad. de Carlos Néilson Coutinho, 3ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983. 301pp.

NOTAS:

- (1) ALICE Chacur. **A construção do objeto no serviço social**. São Paulo, Cortez e Moraes, 1983, 95pp.
- (2) A tese de mestrado de Nélida M. G. Gomes apresentada ao IBICT/CNPq em convênio com a UFRJ é uma exceção. A autora analisa de forma impecável a construção do objeto na Ciência da Informação. C. F.: Nélida M.G.G. A configuração temática da ciência da informação nos currículos dos cursos do IBICT: estudo de caso. IBICT/ UFRJ, 1982. 175pp.
- (3) Id. Ib. p.23.
- (4) Id. Ib. p.24.
- (5) Id. Ib. p.24.

(6) Chacur, A. Id. p.32.

(7) Bachelard, G. apud id. pp.27 e 28.

(8) Id. p.29.

(9) aponto, no entanto, uma escorregadela da autora na página 33, quando ela nega o próprio Bachelard ao criticar Goldmann que "considera que o pensamento dialético se processa numa perspectiva de integração, entre, por exemplo, continuidade-descontinuidade, estrutura-processo, explicação-compreensão, diacronia-sincronia". "No entanto (diz ela), tal postura nos parece dificilmente sustentável, na medida em que as opções metodológicas implicam uma **escolha coerente de procedimentos metodológicos, que, numa perspectiva de rigor, tenderiam para um dos elementos dessas alternativas** (grifo meu).

(10) Chacur, A. id. p.48.

(11) Bóris A. Lima. apud id. p.50.

(12) Chacur, A. p.67.

(13) Id. p.55.

(14) Id. p.62.

(15) Flôres, A. apud. id., ib. pp.81 e 82.

(16) Id. p.82.

(17) Id. 83.

(18) Id. 85.

(19) Bachelard, G. apud. Japiassu, H. **Para ler Bachelard.** p.51.

(20) A tese de doutoramento de Constança Marcondes Cesar é inteiramente dedicada à captação dessas influências, principalmente a de Brunschvicg na concepção evolutiva do conhecimento científico em Bachelard.

O idealismo francês, segundo a autora, "foi um esforço para superar o cientismo do século XIX. Deve ser entendido como reação contra o positivismo: a) porque procurava estabelecer os limites do conhecimento científico e filosófico, mostrando o papel ativo do sujeito humano na constituição da ciência; b) porque lutava contra o método reduutivo do positivismo comteano, apresentando a ciência como saturada de elementos apriorísticos e não como pura descrição do dado bruto".

Inspira-se para tanto segundo a autora, nas teses de Descartes, "quanto à autonomia do pensamento em relação às coisas e quanto à prioridade do espírito com relação à realidade ao se cogitar da epistemologia" e também no antiempirismo de Kant.

Depois de citar alguns representantes franceses da crítica da ciência como Poincaré, Milhand, Meyerson, Goblot, Lalande, Le Roy, todos de certa forma adeptos ao vir-a-ser das construções científicas, a autora confirma "a convergência de opiniões entre os filósofos idealistas franceses quanto à noção de que o conhecimento científico evolui, é obra coletiva e de que há um papel preponderante do sujeito humano na construção de teorias a respeito do real, entendido não como coisa-em-si, mas como fenômeno. É importante chamarmos a atenção para esta concepção relacionista do sujeito cognoscente e do mundo, porque tanto em Brunschvicg como em Bachelard iremos reencontrá-la na gênese das suas indagações epistemológicas". CF: CONSTANÇA M. C. A influência... capítulo 3, p. 20 a 28. Alguns desses autores são citados pelo materialista Henry Lefebvre, ora de forma polêmica, ora para compor o capítulo da lógica formal e de lógica concreta. É interessante notar que dos idealistas, Bachelard é o único autor que Lefebvre parece respeitar, não perdendo nem mesmo Brunschvicg, o inspirador de Bachelard.

CF: HENRY. Lefebvre. **Lógica formal lógica dialética.** cap. 3 e 4, p.131-236.

(21) CONSTANÇA M.C. A influência de Brunschvicg na concepção... (tese de dout.) p.48.

(22) PAUL Foulquié. **A dialética.** p. 74.

(23) GASTON Bachelard. apud Japiassu, H. **Para ler Bachelard.** p. 67.

(24) PAUL Foulquié. **A dialética.** pp.96-101.

(25) HILTON Japiassú. **Para ler Bachelard.** p. 69.

(26) Idem p. 24

(27) HENRY Lefebvre. **Lógica formal/lógica dialética**. p.259.

(28) Id. p.259.

(29) Meyerson reivindica a identidade nas ciências, por isso Lefebvre o chama de partidário das verdades eternas, CF: HENRY L. **Lógica formal**. p.277. Conquanto Bachelard o critica, nem por isso são de escolas diferentes: Constança M. C. precisará: "Meyerson, de modo semelhante a Hegel, afirmando 'a racionalidade do real, diz que entretanto a racionalização é incompleta fa-se progressivamente' " CF: p. 23. (tese dout).

(30) CONSTANÇA M. C. **A influência...** p.12.